

A AMÉRICA LATINA EM *ESCRITA*

*Nilcéia Valdati*¹

Lo recuerdo (yo no tengo derecho a pronunciar ese verbo sagrado, sólo un hombre en la tierra tuvo derecho y ese hombre ha muerto) con una oscura pasionaria en la mano, viéndola como nadie la ha visto, aunque que la mirara desde el crepúsculo del día hasta el de la noche, toda una vida entera.

Jorge Luis Borges

Um personagem pouco conhecido da literatura latino-americana, *Valdemar Lunes, o imortal*², chama atenção por vários aspectos. O conto que possui o mesmo título, diz o seguinte:

Valdemar Lunes, físico e historiador, conseguiu realizar seu sonho mais antigo: a construção de uma máquina do tempo. Fascinado pelos segredos que lhe descobriria o passado, decidiu viajar em retrocesso. Assistiria a sangrentas batalhas e seria testemunha de fatos transcendentais que o tempo, a chuva e os historiadores haviam-se encarregado de deformar. Ao regressar seu testemunho seria irrefutável...

Num sábado de outubro, prepara-se elegantemente para a sua viagem ao tempo sob o som desesperado da campainha. Nada o impediria de realizar seu projeto. Vai. Chega a uma luminosa noite do passado recente. Desesperado se dá conta de que seu sonho morre ali: a máquina se espedaçara e ele ficara inerte naquele tempo. No mesmo instante, sente-se preso, e a última imagem *que conserva e que às vezes assoma pelos buracos de sua memória é a de uma gigantesca mancha lívida constituída por algum material gelatinoso que se estira e se encolhe...* Buscando um ponto de referência, descobre que aquele é o dia de seu nascimento. Corre em direção daquela que seria a casa de sua mãe, mas chega tarde, só ouve o choro do recém-nascido, perde o espetáculo de sua chegada e de imediato percebe que a imortalidade é só o que lhe resta. Pensa em matá-lo (matar-se), mas desiste, pois tudo já está traçado. O menino crescerá, terá inclinação para a física e a história... enfim, o processo se repetirá e num sábado de

¹ Bolsista de Aperfeiçoamento – CNPq.

² Conto publicado na revista *Escrita*, nº 5, 1976, p. 17, de Ednodio Quintero. Trad. de Luiz Fernando Emediato.

outubro, velho e quase agônico, chegará até a porta da outra casa e se agarrará à campainha, num desesperado intento de burlar o destino.

O destino histórico une e separa a América Latina. A condição de colonizados une os países que a compõe perante os olhos do colonizador, mas entre si o que prevalece é a separação, onde cada cultura tenta encontrar seu espaço e sua identidade dentro do cenário mundial. Quem de certa forma sugere uma explicação é *Valdemar Lunes, o imortal*. Surge uma inércia, uma imposição de abrigar a origem ancestral, e o desejo de negar a herança do colonizador, mas, como castigo, acaba sendo excluído, restando-lhe apenas uma alternativa: viver num gueto e assistir a sua própria “imortalidade”, dentro da mesma condição, dependente. É o que acontece com Valdemar Lunes: o seu projeto de participar da história lhe é negado, ele tem de ficar preso à sua, mesmo sabendo que todos descendemos do ancestral acervo greco-latino-judaico³. Contrariando a condição de Lunes, Silviano Santiago fala da contribuição da América Latina para com a cultura ocidental:

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de ‘unidade’ e de ‘pureza’: estes dois conceitos perdem o contorno exato do seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais eficaz. A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo.⁴

De certa forma, o desejo de dissolução deste círculo, a “eterna” dependência, é um anseio que retorna e se intensifica, nas últimas décadas, no território latino-americano. O grande plano é construir uma “unidade” ente os países do “Novo Mundo”, para com isso abrir um espaço dentro do “Velho Mundo”, mostrar que há uma possibilidade de quebra, e que os colonizados podem conseguir a independência para a construção de uma identidade cultural, através da junção de elementos lingüísticos, políticos e culturais. Junção não sobreposta, mas onde cada elemento de diferença

³ SÁBATO, Ernesto. “Sejamos nós mesmos”. In *Escrita – revista mensal de literatura*, nº 4, 1976, p. 14-15.

⁴ SANTIAGO, Silviano. “O entre-lugar do discurso latino-americano”. In: *Uma Literatura nos Trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 18.

represente, ao mesmo tempo, um elemento de ligação, sem perder seu valor particular. Seria o que podemos chamar de utopia da integração.

Dentro deste aspecto convém questionar: qual o espaço concedido à literatura brasileira dentro do cenário latino-americano? E como a brasileira recepcionaria os seus conterrâneos históricos? Metaforizando um pouco, cabe ainda perguntar, será que todos estão com as “portas” abertas para receber os conterrâneos ou é preciso invadir? e que armas devem ser usadas nesta batalha? Um exemplo que pode ajudar a responder esses questionamentos está na desigualdade de presenças encontrada numa lista de autores e obras hispano-americanos que foram publicadas no Brasil.⁵ Um dos pontos que explicam este *intercâmbio*, conforme sugere Cláudio Arantes, é o boom latino-americano e alguns critérios de valor comercial. Os argentinos, por exemplo, somam 50% da relação, enquanto há países com um só escritor traduzido. Isso somente entre os escritores de língua espanhola.

Todas essas questões têm um lugar marcado em *Escrita - revista mensal de literatura*, que surge em 1975 e sai de circulação em 1988, depois de algumas quebras no curso de sua existência. Criada em São Paulo e autodenominada alternativa, tem como proposta inicial veicular o que está sendo produzido no campo literário, *como uma alternativa para os descontentes com a enxurrada de informações, nem sempre corretas ou bem depuradas, que chegam através dos outros meios de comunicação*. Revista que durante os treze anos de sua existência passa por diversas alterações. Do nº 1 ao 27, 1975 a 1978, circula mensalmente. Após oito meses fora do mercado, reaparece em 1979 com um novo formato, o de livro, e com a proposta de fazer publicações bimestrais, promessa não cumprida, desaparecendo em 83, no nº 33.

A última fase da revista, entre 1986 e 1988, surge após três anos e meio fora do mercado editorial, com o intuito de retomar a primeira fase. Volta a ser mensal, adquire o antigo formato e tenta recuperar uma unidade. Novamente não consegue realizar o projeto: a revista morre, então por definitivo, no nº 39. Essas interrupções na periodicidade podem ser consideradas conseqüências, dentre outras, das dificuldades financeiras, mudanças no público leitor, ou melhor, no novo contexto sócio-cultural.

Retomando a idéia do espaço concedido à América Latina em *Escrita*, cabe perguntar: como este espaço é preenchido? e qual a relação que existe entre a proposta da revista de divulgar a literatura brasileira com a presença da latino-americana? Não

⁵ ARANTE, Cláudio. “A Literatura Hispano-Americana Editada no Brasil (1955-1976)”. In: *Escrita*, ano I, nº 7, 1976, p. 14-15.

querendo fazer uma aproximação extremista com as três fases, citadas acima, a meu ver, a presença da América Hispânica na revista passa por três estágios. Num primeiro momento, que denomino de “reconhecimento”, a literatura hispano e/ou latino-americana é vista como uma espécie de exemplo a ser seguido, especialmente pelo boom da narrativa latino-americana. Os artigos são muitas vezes traduzidos para o português e outras vezes permanecem na língua espanhola. Funcionam como um reconhecimento, uma apresentação, “um saber com quem eu quero fazer parte”. Em geral são produções literárias, entrevistas e depoimentos, sendo que as perguntas giram em torno de: como é ser escritor latino-americano? E as respostas geralmente são: *O escritor latino-americano, por um lado, realiza sua tarefa criativa e, por outro, sua tarefa política.*⁶ Portanto, dentro da proposta de *Escrita*, assim deve se comportar um escritor que queira estar envolvido ao mesmo tempo com a arte e com as questões sócio-políticas.

Um segundo momento, o da “passagem”, é colocado aqui num duplo sentido: o de dar lugar a algo e também de ligar um elemento a outro, que começa um pouco antes da segunda fase da revista. É um prenúncio de que algo está acontecendo: desaparecem os textos assinados por escritores de língua espanhola e surgem os brasileiros comentando a situação da literatura brasileira no exterior e frente à produzida pelos hispano-americanos. O debate começa a ocorrer nas mãos do outro, o brasileiro. A confirmação da “passagem” para um segundo momento pode ser vista por um fato nítido: até o nº 16, em 77, a revista mantém uma seção chamada América Latina, da qual participam escritores como Sábato, Quiroga, Valadés. Só em 79 é que os escritores latinos voltam a ser publicados na revista, isso ocorre quando ela apresenta um novo formato e o conteúdo mais fragmentado.

Assim, abrindo caminho para um terceiro momento, o da “reconstrução”, a literatura latino-americana ganha “novo” espaço, mais voltado às questões estéticas ou ainda repensando seu passado recente: as décadas anteriores, o regime militar e seus escritores. Um balanço que fecha em 88 com o fim da revista.

Respondida simplificada a primeira pergunta, resta responder a segunda, isto é, qual a relação com a proposta de *Escrita*? A primeira impressão parece mostrar que, estando, a revista, preocupada em promover-se faz uso de elementos que garantam a aceitação do periódico no mercado. Elementos como os escritores latino-americanos.

⁶ Valadés, Edmundo. “Os 12 anos de El Cuento, por seu criador, Edmundo Valadés”. In: *Escrita*, ano II, nº 13, 1976, p. 23-25.

Da mesma forma que a revista se preocupa com o mercado, ela publica textos que mostram a relação entre literatura e mercado. Reportando este fato a literatura latino-americana surge, sob o olhar de Assis Brasil no nº 1 da revista, o artigo “América Latina: A Literatura do Exílio”, onde a questão assim se apresenta:

E, se já tocamos neste ponto, vamos esclarecer a posição da literatura brasileira, no exterior, em relação à literatura da América de língua espanhola. Eles, autores, levaram muita vantagem com o exílio, forçado ou voluntário.

Assis Brasil fala do porquê de os escritores latino-americanos conquistarem a Europa. Segundo o autor, os anos de exílio político foram oportunos para que muitos latinos conquistassem o berço da cultura ocidental, sendo que os brasileiros parecem estar fora dos considerados latino-americanos. Quando Assis Brasil fala dos escritores latino-americanos, refere-se explicitamente aos de língua espanhola como Gabriel García Márquez, Julio Cortázar, Alejo Carpentier, Cabrera Infante e Adolfo Bioy Casares, pois além do exílio, outro fator que facilitou a penetração foi o da língua e, ainda o próprio tratamento que estes escritores dão às questões sociais. Assim, Assis Brasil fornece uma espécie de receita para os escritores brasileiros conquistarem seu espaço no mercado editorial internacional, deixando de lado o rótulo de incompreendidos. Enfaticamente, o texto sugere que a união prevista não é tão fácil de ser conquistada, no fundo parece americana. A devoção, na verdade, é de brasileira para latino-americana. Desta forma, retomando a questão lançada no início do texto, de que não é possível uma aproximação cultural entre a América Latina, prevalece a diferença e, se existe uma América Latina, ela não é “nossa”, o Brasil está a parte.

Estes escritores, de que fala Assis Brasil, são os mesmos que circulam nas páginas de *Escrita*, na sua maioria autores consagrados no boom da narrativa latino-americana, como Borges, García Márquez, Julio Cortázar e outros. Este último aparece na revista também como ensaísta, dissertando sobre a construção do conto. No número 21 da revista, que eu situo na “passagem”, Roberto Drummond fala que o autor nacional já compete com o estrangeiro e confirma a influência que recebeu dos latinos. Ao responder sobre a relação que ele estabelece entre o Brasil e o resto da América Latina, diz:

Em primeiro lugar, eu acho, ao contrário do que muita gente pensa, que o Brasil é, não só geograficamente, um país latino-americano. Tem muita gente

que acha que não é. Eu acho que ele é, até no sentido de ser explorado pelas mesmas empresas multinacionais tropicais... Se você pegar um livro do Carpentier, que é um francês nascido em Cuba, você vê como se parece com o interior de Minas Gerais.

Lançando um olhar sobre a dependência, Roberto Drummond parece unir a América através de outro foco. Enquanto Assis Brasil percebe a diferença que separa a América Latina, Drummond, utopicamente, vê várias semelhanças no continente latino-americano. Assim, o *destino* histórico toma forma em sua dualidade: une enquanto dependente e separa pelas diferenças históricas. Convém aqui acrescentar as colocações de Flávio Moreira da Costa (nº 26). Ao falar de um possível encontro com a “unidade”, sugere uma “traição à tradição”. Tanto os escritores de língua espanhola quanto os de portuguesa estão unidos por um rompimento com a linguagem. Neste caso igualam-se, Borges, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Vargas Llosa, Onetti. Opinião que Moreira da Costa sustenta através das palavras de Ricardo Piglia:

É preciso respeitar a secreta ambigüidade dessa proposição, se não se quiser correr o risco de esconder o paradoxo mais estimulante, o eixo subterrâneo da narrativa contemporânea desta parte da América: pois o que tem em comum, hoje, os melhores escritores latino-americanos, é mais do que o manejo do espanhol, a traição ao espanhol.

Junto à palavra “espanhol” Flávio Moreira da Costa acrescenta a palavra “português”. Desta forma, ligando a “traição ao espanhol” com a destruição dos conceitos de ‘unidade’ e ‘pureza’, que fala Silviano Santiago, percebe-se um ponto de igualdade em ambos os textos. E o que sobressai é a idéia de que a América Latina a partir do momento que se posiciona contra a origem ancestral estabelece o seu lugar dentro da mesma. O texto “A Tradição e a Traição”, de Flávio Moreira da Costa, juntamente com outros publicados na revista, funciona como um ponto de reconhecimento de que está acontecendo, na revista, alguma transformação no tratamento à literatura latino-americana: é a “reconstrução”. O periódico parece não controlar mais as fronteiras: não só aparecem hispano-americanos, mas também americanos, ingleses, chineses, gregos e o próprio termo América Latina é substituído pela nacionalidade do escritor ou por aproximações estéticas nos trabalhos dos escritores. Como exemplo, cabe lembrar o texto de Cortázar sobre a construção do conto (nº 24), como também o de Borges falando sobre *la pesadilla* (nº 30). Surgem, ainda, questões ligadas a escritores portugueses (nº 32), antologia de poetas norte-

americanos (nº 29), traduções do francês, com Baudelaire falando sobre a obra de Gustave Flaubert (nº 31), e mesmo estrangeiros falando sobre literatura brasileira, como a norte-americana Elizabeth Lowe, dissertando sobre a obra de Rubem Fonseca (nº 32).

No último número da revista é completa a ausência dos hispano-americanos, mas no número 36, aparece um texto de Flávio Loureiro Chaves, “O Tirano e sua Descendência”, lembrando num tom nostálgico um personagem da literatura hispano-americana, por ironia criado por um espanhol, Valle-Inclán, na década de 20. O personagem principal, o tirano Banderas, *não é um indivíduo, é uma alegoria. Alegoria da América Latina. Valle-Inclán percebeu com lucidez uma questão crucial: no rastro da dependência e do subdesenvolvimento, a América Latina não possui uma identidade histórica. Assim, Valle-Inclán mistura intencionalmente tipos e traços locais do México, do Peru, da Argentina e assim por diante. Cabe a Banderas perfazer a imagem síntese dos ditadores, pais-da-pátria. Resta saber se o Brasil contribui na construção da imagem síntese da América Latina.*

Talvez, ainda, o melhor personagem para mostrar a imagem síntese da América é *Lunes, o imortal*. O tema, não importa se da aproximação, integração, unificação continua a fazer parte do território latino-americano. Para ajudar o *imortal* é necessário contudo a ajuda de um outro personagem que influenciou e viveu em outros personagens presentes na revista, é *Funes el memorioso*, criado por Borges⁷, que entre várias similaridades com o *Lunes, o imortal*, assim pode ser descrito:

Sabía las formas de las nubes australes del amanecer del treinta de abril de mil ochocientos ochenta y dos y podía compararlas en el recuerdo con las vetas de un libro en pasta española que sólo había mirado una vez y con las líneas de la espuma que un remo levantó en el Río Negro la víspera de la acción del Quebracho. Esos recuerdos no eran simples; cada imagen visual estaba ligada a sensaciones musculares, térmicas, etc. Podía reconstruir todos los sueños, todos los entresueños.

A impossibilidade é o que aproxima *Funes* de *Lunes*, um não consegue morrer outro não consegue esquecer, enfim não podem mudar o *destino*. São uma espécie de metáfora da América Latina. A semelhança nos nomes de origem latina dá a *Lunes* a condição de início, *Lunes* é segunda-feira, primeiro dia da semana, quando se completa, recomeça, isto é, nunca morre. É também derivação de *luna*, lua, então surge o lunático, o que não pertence a realidade, está deslocado. Enquanto isso *Funes*, com toda a sua

⁷ BORGES, Jorge Luis. “Funes El Memorioso”. In: *Ficciones / Obras Completas*. Emecé Editores: Buenos Aires, 1989, p. 485-490.

memória não consegue fugir da morte, *Funes*, é funeral. Por uma pequena letra “L” e “F” dois personagens se diferenciam e ao mesmo tempo se unem, pois um se realiza no outro. A morte que é fatal para *Funes* se encontra com a imortalidade de *Lunes*, que vê no outro personagem a capacidade de abrigar toda a história.

Apropriando-se de *Lunes* e trazendo *Funes*, que questão se coloca hoje, que explique o desenvolver do tratamento dado ao espaço concedido à literatura latino-americana em *Escrita*? Uma das possibilidades que surge é de que, assim como a revista não se sustenta no mercado, a utopia de integração ou aproximação latino-americana se submete ao mercado. Um debate que acompanha, por um lado, os bastidores da imprensa que se quer alternativa, durante as duas décadas de existência e, por outro lado, o mercado se torna uma das formas de abertura de fronteiras com vistas a integração. Dualidades sobre dualidades instauram o debate, do qual participam mercado, literatura, história e esquecimento. O que sobrevive entre um pólo e outro é a capacidade de abarcar várias possibilidades.